

**A
GAROTA
NA
TEIA
DE
ARANHA
DAVID LAGERCRANTZ**

Tradução do sueco
Fernanda Sarmatz Åkesson
Guilherme Braga



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © David Lagercrantz
Publicado originalmente pela Norstedts na Suécia em 2015.
Publicado mediante acordo com a Norstedts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Det som inte dödar oss

Capa
Retina_78

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Angela das Neves
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lagercrantz, David
A garota na teia de aranha / David Lagercrantz ; tradução do sueco
Fernanda Sarmatz Åkesson, Guilherme Braga. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2015.

Título original : Det som inte dödar oss.
ISBN 978-85-359-2610-1

1. Ficção sueca I. Título.

15-05962

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura sueca 839.73

[2015]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prólogo: Um ano antes, ao raiar do dia, 7

I. O olho observador (1º a 21 de novembro), 9

II. Os labirintos da memória (21 a 23 de novembro), 163

III. Problemas assimétricos (24 de novembro a 3 de dezembro), 365

I. O OLHO OBSERVADOR

1º A 21 DE NOVEMBRO

A NSA — National Security Agency — é um órgão federal dos Estados Unidos subordinado ao Departamento de Defesa. O escritório central da organização fica em Fort Meade, Maryland, na autoestrada de Patuxent.

Desde que foi fundada, em 1952, a NSA trabalha com espionagem de telecomunicações — hoje em dia sobretudo internet e telefone. O órgão aos poucos foi ganhando cada vez mais poderes e hoje intercepta diariamente mais de vinte bilhões de conversas e correspondências.

1. INÍCIO DE NOVEMBRO

Frans Balder sempre se considerou um mau pai.

August já tinha oito anos e Frans nunca havia se esforçado muito para exercer as funções de pai e nem podia dizer que agora já se sentisse confortável nesse papel. Mas o dever o chamava, e era assim que ele estava encarrando. O menino andava passando por maus bocados com a mãe, ex-mulher dele, e com Lasse Westman, o desgraçado com quem ela tinha se casado.

Assim, Frans Balder pediu demissão de seu emprego no Vale do Silício, pegou um avião de volta para casa e naquele momento, quase em estado de choque, esperava um táxi no aeroporto de Arlanda. O tempo estava infernal. Uma tempestade castigava seu rosto, e pela centésima vez ele se perguntou se havia feito a coisa certa.

De todos os malucos narcisistas do mundo que não veem nada além do próprio umbigo, justamente ele estava prestes a se tornar pai em tempo integral — que loucura seria essa? Era quase como arranjar emprego num zoológico. Ele não entendia nada de crianças; para falar a verdade, não entendia nada sobre a vida. E o que era ainda mais estranho: ninguém tinha exigido nada dele. Nem sua mãe nem sua avó haviam telefonado exigindo que ele assumisse aquela responsabilidade.

Frans Balder tomou a decisão por conta própria e sem aviso prévio, apesar de uma antiga decisão judicial ter dado a guarda do menino à mãe. Agora ele simplesmente tinha resolvido aparecer na casa da ex-mulher e levar o filho para a casa dele. Com certeza aquilo lhe traria problemas. Com certeza levaria uma surra de Lasse Westman, que ficaria indignado. Mas estava decidido, e entrou num táxi conduzido por uma mulher que mastigava chiclete desesperadamente enquanto tentava puxar assunto. Mas ela não o tinha pegado num bom dia. Frans Balder não gostava de conversa fiada.

Simplesmente ficou sentado no banco de trás pensando no filho e em tudo que tinha acontecido nos últimos tempos. August não era a única nem a principal razão para ele ter se demitido da Solifon. Ele estava passando por uma fase crítica, e por um instante se perguntou se aguentaria. Quando estava a caminho de Vasastan foi como se o sangue o abandonasse e ele precisou resistir ao impulso de mandar tudo para o inferno. Não havia mais como voltar atrás.

Pagou o táxi na Torsgatan, pegou sua bagagem e, assim que cruzou o portão, largou-a no chão, levando consigo, ao subir os degraus, nada além da bolsa de viagem vazia e estampada com um mapa-múndi que havia comprado no aeroporto de San Francisco. Depois parou ofegante na frente da porta do apartamento, fechou os olhos e imaginou cenas de briga e loucura — e, verdade seja dita, quem poderia criticá-los por tal comportamento? Ninguém aparece do nada e leva uma criança embora, muito menos um pai que jamais havia participado da vida do filho a não ser através de depósitos bancários. Mas era uma emergência, ou pelo menos era isso que ele achava, portanto tomou coragem e tocou a campainha, por mais que sua vontade fosse fugir para longe daquilo.

A princípio ninguém atendeu. Mas minutos depois a porta se abriu e Lasse Westman apareceu com seus olhos azuis profundos, peito musculoso e mãos enormes, que davam a impressão de existir apenas para causar mal aos outros, o que muitas vezes o levava a interpretar papéis de vilão nas telas de cinema, mesmo que nenhum desses papéis — quanto a isto Frans Balder não tinha a menor dúvida — fosse tão vil quanto aquele que ele representava no dia a dia.

— Quem diria! — exclamou Lasse Westman. — O gênio veio nos visitar.

— Eu vim buscar o August — disse Frans Balder.

— Como é?

— Eu quero levar meu filho comigo, Lars.

— Você só pode estar brincando.

— Não estou brincando nem um pouco — ele disse. No instante seguinte, Hanna, sua ex-mulher, surgiu de um cômodo à esquerda do hall, já não tão bonita como em outros tempos. Tinham sido tristezas demais, e provavelmente também cigarros e bebida demais. Mesmo assim, uma ternura inesperada o invadiu, especialmente quando viu um hematoma no pescoço dela e percebeu que Hanna veio com a intenção de lhe dar boas-vindas, apesar de tudo. Mas ela não conseguiu nem abrir a boca.

— Por que você resolveu se interessar por ele de repente?

— Porque já chega. O August precisa de um lugar seguro para morar.

— E você por acaso tem como oferecer isso, Professor Pardal? Mesmo que nunca tenha feito nada além de olhar para a tela de um computador?

— Eu mudei — disse Frans Balder, sentindo-se patético, pois não tinha certeza de ter mudado nem um pouco.

Ele estremeceu quando Lasse Westman se aproximou com aquele corpo enorme, cheio de uma raiva contida. Nesse instante, ficou totalmente claro para Frans que não haveria como resistir se aquele maníaco o atacasse, e também que a ideia toda não tinha passado de uma loucura, do início ao fim. Mas o estranho foi que não houve nenhuma explosão, nenhuma cena; apenas um sorriso assustador e as palavras:

— Que ótima notícia!

— Como assim?

— Já estava mais do que na hora, não é mesmo, Hanna? Até que enfim um pouco de responsabilidade do sr. Ocupado. Bravo, bravo! — prosseguiu, batendo palmas num gesto teatral. E a seguir veio o que assustou Frans Balder mais do que qualquer outra coisa: a facilidade com que os dois lhe entregaram o menino.

Sem nenhum protesto, a não ser os de natureza simbólica, os dois deixaram que ele levasse August. Para eles, talvez o menino não passasse de um fardo. Não havia como saber. Hanna, com mãos trêmulas, lançou olhares enigmáticos para Frans e rangeu os dentes. Mas não fez muitas perguntas. Ela deveria ter feito um interrogatório, apresentado mil exigências e pedidos, e se preocupado com aquela mudança na rotina do filho. No entanto disse apenas:

— Tem certeza do que está fazendo? Você acha que consegue?

— Tenho certeza — ele respondeu, e os três foram para o quarto de August. Ao ver o filho pela primeira vez depois de mais de um ano, Frans se envergonhou.

Como podia ter abandonado um menino como aquele? Ele era bonito, encantador com seu cabelo grosso e ondulado e seu corpo esguio, os olhos azuis e sérios perdidos num quebra-cabeça de veleiro. Sua postura dava a impressão de dizer “Não me atrapalhe”, então Frans avançou devagar, como se estivesse se aproximando de uma criatura estranha e imprevisível.

Mesmo assim conseguiu atrair a atenção do garoto e fazer com que pegasse em sua mão e o acompanhasse até o corredor. Jamais se esqueceria desse momento. O que August estava pensando? O que achava daquilo? Não tinha olhado nem para o pai nem para a mãe, e ignorara completamente os acenos e as palavras de adeus. Simplesmente desapareceu com Frans no elevador. Nada mais.

August era autista. Provavelmente tinha sérios problemas de desenvolvimento, embora as opiniões dos médicos divergissem sobre o assunto e a ideia que ele passava quando observado de longe fosse justamente a oposta. Com expressão séria e concentrada, o menino possuía uma aura de imponência, ou pelo menos dava a impressão de não se importar com o mundo ao redor. Ao olhá-lo mais de perto, porém, via-se um rosto como que coberto por um véu; e ele ainda não havia pronunciado as primeiras palavras.

August frustrara todas as previsões feitas quando ele tinha dois anos. Na época, os médicos disseram que ele provavelmente fazia parte da minoria de crianças autistas que não sofriam de deficiências mentais e que, se fizesse terapia comportamental, o prognóstico seria bom. Mas nada aconteceu como se esperava. Frans Balder não tinha visto o resultado de todo aquele tratamento e muito menos acompanhado a vida escolar do filho. Frans vivia num mundo todo seu, e um dia pegou um avião para os Estados Unidos, causando uma briga com todas as pessoas que conhecia.

Ele tinha se comportado como um idiota. Mas a partir daquele momento o que ele mais queria era pagar a dívida com o filho e cuidar dele. Passou a comprar periódicos acadêmicos e a telefonar para especialistas e pedagogos,

e se havia uma coisa bastante clara era que todo o dinheiro que ele enviara não fora usado para o bem-estar do menino, mas para outros fins, que certamente tinham a ver com as extravagâncias e as jogatinas de Lasse Westman. O garoto dava a impressão de ter sido abandonado à própria sorte e, assim, se habituado a comportamentos obsessivos; e provavelmente tinha sido exposto a coisas ainda piores. Por isso Frans voltou para casa.

Um psicólogo havia entrado em contato com ele nos Estados Unidos, preocupado com um misterioso hematoma no corpo do menino. Frans viu essas marcas ao buscar o filho, elas estavam por toda parte, nos braços, nas pernas, peito e ombros de August. Segundo Hanna, elas eram resultado do comportamento autodestrutivo do menino nos momentos em que ele se atirava de um lado para outro; no dia seguinte à sua chegada, Frans Balder testemunhou um desses acessos e ficou apavorado. Mas aquilo ainda não parecia uma explicação convincente para os hematomas.

Suspeitando de violência doméstica, Frans recorreu à ajuda de um clínico geral e de um ex-policial que conhecia. Porém, mesmo que as suspeitas não tivessem sido confirmadas, o pai ficou cada vez mais aflito com a situação e por fim escreveu uma série de denúncias. Até então, era quase como se tivesse se esquecido da existência do menino. Frans Balder notou como era fácil esquecê-lo. August passava a maior parte do tempo sentado no chão do quarto que o pai reformara para ele na casa em Saltsjöbaden, com vista para o mar, montando com virtuosismo quebra-cabeças de centenas de peças, apenas para desmontá-los e recomeçar tudo assim que terminava.

No início Frans o observava fascinado. Era como acompanhar o trabalho de um artista, e às vezes tinha a impressão de que a qualquer instante o menino iria levantar o rosto e fazer algum comentário típico de um adulto. Mas August nunca dizia nada, e quando desviava a atenção do quebra-cabeça apenas piscava os olhos, com a cabeça de lado, e olhava através do pai em direção à janela e ao sol refletido na água do lado de fora, de modo que Frans, por fim, resolvia deixá-lo em paz. August podia ficar sozinho o tempo que quisesse. Na verdade, Frans também não saía muito com ele, nem mesmo para o jardim.

Do ponto de vista formal, ele ainda não tinha permissão para cuidar do garoto, portanto não queria se aventurar muito em lugares públicos enquanto não tivesse resolvido a parte jurídica. As compras, bem como as refeições e a limpeza da casa, ficavam a cargo de Lottie Hask, a empregada — Frans Bal-

der não era bom nos aspectos práticos da vida. Entendia de computadores, algoritmos e de praticamente mais nada, e à medida que o tempo passava se ocupava mais desses assuntos e da troca de correspondência com seus advogados. À noite dormia tão mal como quando vivia nos Estados Unidos.

Ele se angustiava e antevia problemas pela frente, e todas as noites bebia uma garrafa inteira de vinho tinto, quase sempre um Amarone, o que só trazia alívio momentâneo. Começou a se sentir cada vez pior, a fantasiar sobre desaparecer em uma nuvem de fumaça ou fugir para um lugar selvagem, livre de qualquer noção de honra e dever. Em um sábado de novembro, aconteceu. Era uma noite gelada e de ventania, e ele e August caminhavam ao longo da Ringvägen, em Söder, tiritando de frio.

Os dois haviam jantado na casa de Farah Sharif, na Zinkens Väg, e August já devia estar na cama há muito tempo. Mas o jantar se estendera e Frans Balder havia falado mais do que devia. Farah Sharif tinha esse talento. As pessoas abriam o coração para ela. Frans a conhecia desde a época em que tinham sido colegas de ciências da computação no Imperial College, de Londres, e Farah era uma das raras pessoas na Suécia com conhecimentos comparáveis aos dele, ou pelo menos uma das poucas pessoas por quem ele tinha algum carinho. Era um alívio conversar com alguém que o entendia.

Farah Sharif também o atraía, mas apesar de várias tentativas ele nunca tinha conseguido conquistá-la. Frans Balder não era do tipo sedutor. Nesse dia, porém, o abraço de despedida por pouco não havia se transformado num beijo, o que pareceu a Frans um grande progresso. Era nisso que ele pensava quando passou com August pelo ginásio Zinkensdamm.

Frans resolveu que da próxima vez contrataria uma babá, assim talvez... Quem sabe? Um pouco mais ao longe, um cachorro latia. Uma voz feminina soltou um grito de irritação ou de alegria logo atrás, ele olhou na direção da Hornsgatan e do cruzamento onde havia pensado em pegar um táxi ou então o metrô até Slussen. Parecia que ia chover, e junto à faixa de pedestres o semáforo ficou vermelho. Nesse instante, ao notar um homem de aparência desleixada com cerca de quarenta anos e aspecto vagamente familiar no outro lado da rua, Frans pegou a mão de August.

Quis se assegurar de que o filho não sairia da calçada e percebeu como a mão do menino estava tensa, como se ele estivesse reagindo a alguma coisa. Além disso, seus olhos estavam fixos, límpidos, como se o véu que em geral

os encobria tivesse sido removido num passe de mágica, e August, em vez de olhar para dentro de si, de seu íntimo, tivesse compreendido com profundidade o significado daquela faixa de pedestres e daquele cruzamento. Por isso Frans não se moveu quando o semáforo mudou para o verde.

Simplesmente deixou o filho observar o cenário e, sem entender bem por quê, ficou emocionado, o que lhe pareceu bastante peculiar. Afinal, era um simples olhar, nada mais, não era nem sequer um olhar especialmente alegre ou radiante. Mesmo assim, Frans se lembrou de algo distante e esquecido, adormecido em suas lembranças, e pela primeira vez em muito tempo se sentiu esperançoso.